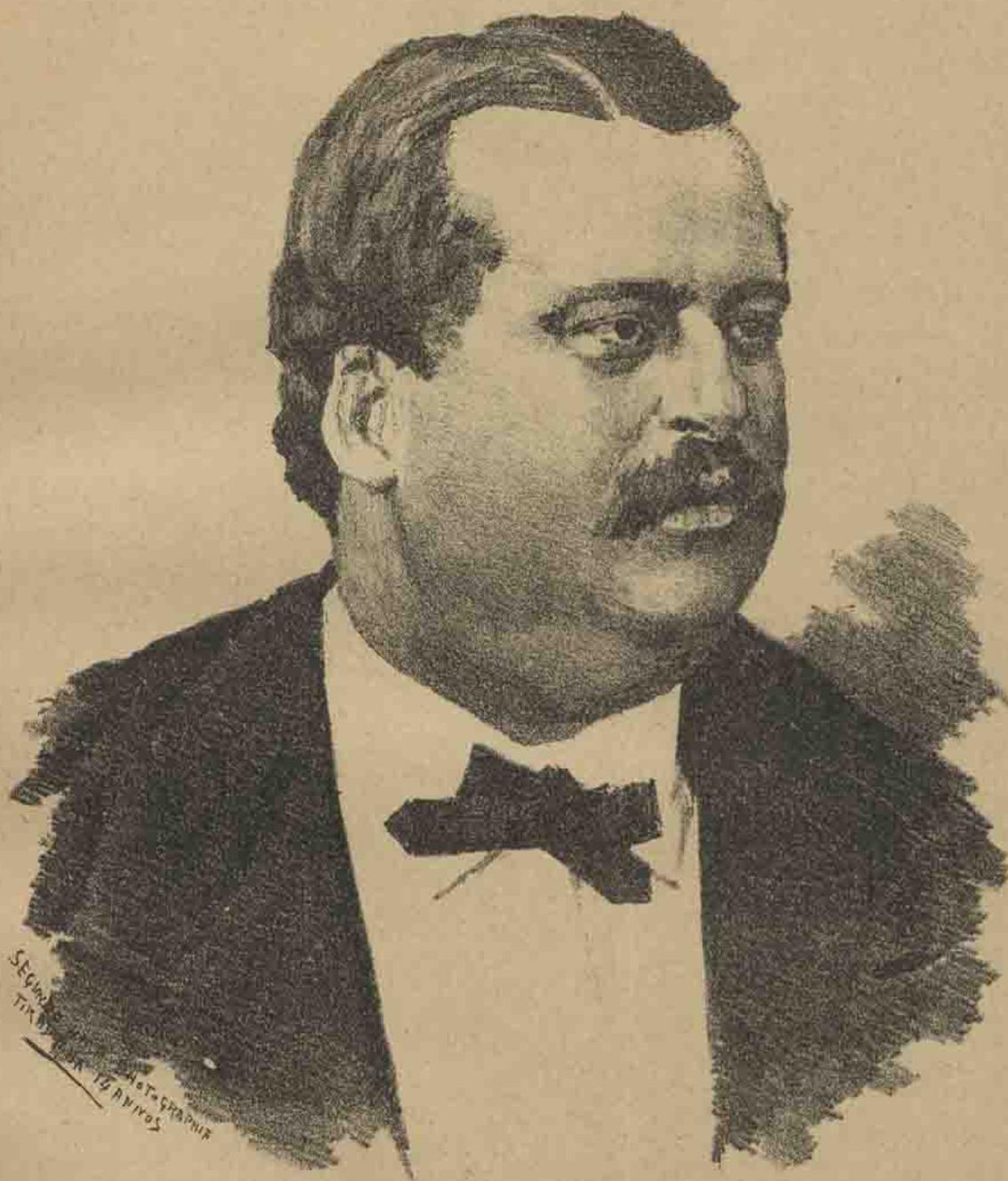


## ANTONIO DE CAMPOS VALDEZ



Falleceu na terça feira passada em Paris, subitamente, o empresario Campos Valdez, que nos ultimos annos trouxe a Lisboa as maiores celebridades lyricas contemporaneas. A sua morte, sobre enlutar o coração dos seus amigos, far-se-ha repercutir talvez por muito tempo, no futuro do palco de S. Carlos. Valdez era na accepção da palavra um cavalheiro, e a sua vida está cheia dos mais nobres esforços de intelligencia e coragem pelo trabalho.

Descance em paz.

## FAUSTINO DA ROSA



Quando conhecemos esse rapaz, de saioite curto, fallinha ainda entaramellada, e cavallinho de papelão debaixo do braço, mal pensavamos que um bello dia teriamos de lhe annotar a vera effigie de artista valioso — cantor, ainda por cima, que é a fructa opima da arte que mais raramente se dá a'este jardim á beira etc.!

Cantor o Faustino! E cantor festejado, debutando já no theatro Lavezzo de Rovigo, na Italia, a terra dos cantores por excellencia, o que não impediu que esse publico com o paladar affeito a notabilidades artisticas, aclamasse com enthusiasmo o nosso querido compatriota, que assim foi lá fóra conquistar um bocadito de celebridade para a sua terra—que na verdade tão precisadinha vae estando d'ella!

Faustino da Rosa cantor distincto, e nós que o conhecemos na transição dos cueros para o calção de malha azul!

Que alegre acontecimento para a nossa velhice que começa, que triste realidade para a nossa mocidade que já lá vae!

### Por ahí...



O sacrario sacrosanto da politica está convertido em mesa afreguesada do café do *Refilão*!

Assim como, na dita mesa, as questões se desencadeiam tempestuosas, multiplas, interminaveis, misturando-se umas com outras n'uma promiscuidade que assombra e entontee e terminando não raras vezes pelo argumento da facada, assim tambem no dito sacrario

sacrosanto as questões se estão desencadeando interminaveis, multiplas, tempestuosas, misturando-se umas com outras na mesma promiscuidade que entontee e assombra!

E se, para o caso presente, as questões não terminaram ainda pelo popular e conceituado argumento da facada, e porque o regulamento da casa prohibe o ingresso dos freguezes sem que previamente—e providencialmente—depositem a faca no bengaleiro.



Como amostra, e que nos occorra assim n'um apice, vejiam a lista das questões que actualmente se ventillam á mesa do *Refilão*, queremos dizer do sacrario sacrosanto da politica.

- 1.ª—A questão dos 441 contos.
- 2.ª—A questão dos vinhos.
- 3.ª—A questão do caminho de ferro de Lourenço Marquez.
- 4.ª—A questão dos tribunaes avindores.
- 5.ª—A questão dos tabacos dos Açores.
- 6.ª—A questão de Tugue.
- 7.ª—A questão do Maputo.

Nem menos de sete questões de costa acima!



Pois todas sete andam na berra da berraria á mesa do *Refilão* do sacrario sacrosanto! E não destrinchamos na verdade qual d'ellas seja mais interessante, visto como todas ellas interessam por igual, correndo apenas a natural differença de que uma interessará mais o grupo *A*, ao passo que outra se relacione mais directamente com as aspirações do grupo *B*, e assim successivamente.

Ora a verdade é—e salta aos olhos de toda a gente —que semelhante lei, com semelhante fim, constitua a mais refinada pouca vergonha de que haveria memoria em todo o compendio notavel da historia politica não só dos ultimos annos como até dos primeiros vagidos do nosso paiz!

Em contraste com o espirito anti-patriotico d'esta lei, o proprio Miguel de Vasconcellos se afiguraria um individuo mais patriotico de que a propria Filippa de Vilhena—cujo patriotismo, ao que se diz, era d'aquelles de encher o olho, segundo affirmam os chronistas de todas as eras e não sabemos se os rapazes do seu tempo...

Pois então nós tinhamos a facilidade de exportar para o estrangeiro uma droga qualquer que lá fóra bebiam como vinho e pagavam como tal, ao passo que nós por cá nos ficavamos rindo, com a algibeira quente e a barriguinha ainda mais quente do rico summo da uva que nos espumava intacto nas vasilhas das adagas, e vinha o governo criar—e subsidiar ainda por cima!—compañias vinícolas destinadas a fiscalisar que para o estrangeiro só mandassemos o bom pelo mesmo preço do ruim, passando então nós a suicidar-nos quotidianamente com as bruegas de que nos serviamos para envenenar os outros?!

Mas isto bradaria não só aos ceus como aos amadores da bella pinga—em cujo gremio temos a honra de nos contar, em companhia de muitos e illustres cavalheiros que nos estão lendo!

E depois, a tal negregada fiscalisação trazia ainda o inconveniente de fazer constar ao estrangeiro que lhe haviamos impingido gato por lebre e, uma vez mordido pela serpente da desconfiança, o estrangeiro, que sempre bebeu o nosso mata-ratos por vinho de primeira qualidade, passaria agora a beber o vinho de primeira qualidade sempre na suspeição de que estava bebendo mata-ratos!

Felizmente para os nossos credits lá fóra, felizmente para os nossos interesses cá dentro, felizmente para o governo, felizmente para todos, o sr. ministro das obras publicas veio socegar-nos declarando alto e bom som que o governo, que é como quem diz a fiscalisação, nada tem que ver com a entrada de vinhos de varias procedencias nos armazens das companhias vinícolas, ficando portanto as referidas companhias igualmente habilitadas a fabricar por grosso o mesmo mata-ratos que o pequeno commerciante fabricava por miúdo.

Assim, comprehendemos e aceitamos perfeitamente a formação official das companhias vinícolas, o subsidio que temos de lhes pagar e até um ou outro casal de perús pelo tempo do Natal, á luz de cumprimento festivo dos nossos interesses augmentados e dos nossos bandulhos reconhecidos!

Abençoadas companhias vinícolas!

A ultima das questões citadas, a questão do Maputo, sabemos nós que interessa vivamente — senão no todo, pelo menos na sua maior parte — ao sr. marquez de Vallada, o valiente caudilho (não confundir com valente codilho) do partido regenerador.

Segundo a auctorizada opinião de s. ex.<sup>a</sup>, a referida questão, que elle tem estudado a fundo nas suas mais interiores ramificações, é mais de que uma questão de costa acima: chega a se rumar verdadeira questão de costa abaixo!



A questão dos vinhos é tambem uma questão importantissima e que não só prende com os altos interesses sociais como até chega a prender a lingua — quando os ditos vinhos são muito carregados de aguardente.

Sobre esta questão fez o sr. ministro das obras publicas uma importante declaração na camara alta, declaração que veio collocar em novo pé a supradita questão, trazendo-lhe a feição sympathica de que ella estava completamente isenta.

Expliquemos:

Como estão scientes, a lei de não sabemos quantos de que mez e anno — ellas são tantas que só poderiam lembrar a quem trouxesse um calendario-agenda impresso no miolo; — a lei de não sabemos quantos criou a fundação de companhias vinícolas, subsidiadas pelo governo e tendentes a evitar a exportação de vinhos falsificados, os quaes, ao que parece, se estavam impingindo em larga escala para o estrangeiro.

*Para Invenção de*

## De raspão...



A semana que acaba de decorrer foi uma das mais pobres em episodios que tem tido o anno.

Houve no Porto um congresso catholico, tendo por secretarios o conde de Samodães e o Pestana da Silva — a companhia vinícola applicada á religião — onde um D. Antonio d'Almeida propoz a restauração das comunidades religiosas, como unico remedio de salvação para as colonias, e aonde se jurou combater o protestantismo, por meio de livros de orações e predicas aos domingos, feitas pelos parochos, nos focos de schisma.

Debutou na Italia mais um cantor portuguez, Faustino Rosa, o vigesimo que n'este semestre se nos sabe lá fóra a cantar por dinheiro, fugindo assim á tradição portugueza, que manda cantar de graça os *habilitados* em qualquer especialidade. E finalmente annuncia o *Diario de Noticias* a venda d'um vestido de virgem parecendo com isto significar que entre nós se conhecem as virgens, pelo fato.

## BAILE BURNAY



Festa magnifica, aonde os condes de Burnay mais uma vez se mostraram continuadores dos nossos antigos fidalgos, na grande arte de praticar a hospitalidade. No baile, não se sabia qual mais admirar, se as decorações e adornos dos salões, que eram d'uma sumptuosidade verdadeiramente real, se a elegancia das *toilettes* das senhoras, se a gentileza de todo o ponto inimitavel do conde e da condessa de Burnay.

# EXPOSIÇÃO DE PARIS



CHUCHAR  
NO  
DEDO

Júlio Bordallo Pinheiro

Abriu na segunda feira passada em Paris, a exposição.  
 No seu discurso, Carnot o disse—a exposição é a sagração mais solemne d'este grande seculo de sciencia e de trabalho, a cujos destinos a França tem prezidido sempre, como cerebro do mundo, apesar dos ciumes dos povos que a detestam, e lhe aproveitam as conquistas, embora depois de a defraudar, a calunniem.

No entender dos congressistas do Porto, nada produz actualmente mais damnos em Portugal do que o protestantismo. Nem a greve dos vinhos; nem a crise agraria que põe ás portas da miseria os pequenos lavradores dos nossos campos; nem a nossa inhabilidade industrial que faz com que o Estado, para proteger industrias nacionaes que não existem, difficilmente o ingresso ás estrangeiras — sem ir mais longe, ás hespanholas — de cujos serviços todos, mais ou menos precisamos)... A religião não decahe (no dizer dos sachristas do congresso catholico) por falta de fé, ou sequer pelo descredito de que todos os dias a estão crivando os Hillariões e Bazilios da *entourage* dos bispos e dos patriarchas. Decahe, mas é pela concorrência protestante. Ora o protestantismo, como egreja propagante, reduz-se a contar proselytos entre as colonias inglezas do Porto e de Lisboa, e a promover a venda de Biblias a tostão, pelo paiz — com tão pequeno exito, que a sociedade anglicana acaba de baixar a tres vintens o preço dos seus livrinhos, cuja prosa substituiu por imagens gravadas, attenta a circumstancia de quasi ninguém entre nós saber lêr.



De sorte, que o congresso catholico ha de ser tão notavel, no ascenso das doutrinas religiosas, como no dos forenses foi o congresso juridico, ha pouco reunido na grande sala da Academia das Sciencias, e que poderia defenir-se — um *lunch* de borla em quinze sessões.

#### Fatigantes debates.

Mesmo assim, o que valeu aos congressistas, foram os momentos de repouso digestivo que lhes proporcionou a Associação dos Advogados, declarando-se em vespuras de fallencia, caso elles continuassem a dar aos quexios por aquella forma desusada, e o facto do governo retirar o credito no artigo dos vinhos, surprehendido de que minguassem o balsamo nas garrafas, sem por isso ganharem mais chorume as conclusões scientificas da assembléa.

Já lá va o tempo em que os oradores eram eloquentes, e os homens de sciencia, profundos, bebendo só agua. Hoje o vinho do Porto inspira tudo, até barcheais. Vá sem dizer que o tal congresso não valeu sequer metade do que custou. O governo acaba de pagar quinhentos mil réis por cada *lunch* comido. É uma exorbitancia! Logo se prevê que uma corporação de sabios que pápa quinhentos mil réis de sandwiches e vinho do Porto, por dia, está por isso incapaz de fertilisar os codigos, e quando muito, só poderá fazer algum bem á agricultura. A lembrarem-se pois de reunir outra vez os barcheais, não lhes dêem por sala a severa bibliotheca de Jesus: mandem-nos prá vinha do sr. José Maria dos Santos, que é só quem pôde aproveitar com o... resumo.



A administração geral dos tabacos resolveu fornecer gratuitamente picado e hazano aos seus empregados. Iniciativa de vulto! D'ora em diante empregado nenhum poderá dizer que Oliveira Martins lhe não tenha dado para o seu tabaco. Porém se é certo que os tabacos tenham admittido nos seus escriptorios e dependencias, todos quantos antigamente por ahí andavam sem fazer nada, e sabendo-se, como se sabe, que os ociosos constituem a grande massa da população de Lisboa, sendo n'elles que os vicios mais imperam, como o do fumo — pergunto eu, quem é que paga d'ora avante os charutos e cigarros emanados das fabricas nacionaes?

Caso subsista o ukase da administração geral dos tabacos, sempre lhe dou um alvitre, tendente a evitar a ruina do monopolio: — qual o d'aconselhar o uso do charuto ás senhoras.

Porque uma coisa que os estrangeiros em geral notam com magua, é que poucas madamas portuguezas façam fumo.

Com ellas faz-se mais facilmente, farinha. Eh! Eh! ahí está uma coisa que vac lisongear os moageiros.



O ministro despachou redactores do *Diario das Camaras* (em detrimento de dois homens de letras, poetas e jornalistas) tres respeitaveis cavalheiros, de cujas aptidões litterarias apenas se sabe que um d'elles fabrica azeite. É uma virtude aproveitavel, esta ultima, para um redactor do *Diario*, que frequentes vezes haverá necessidade d'untar com o oleo do seu fabrico, as ferrugentas moças dos discursos isertos no jornal. Entretanto esta falta d'exame na preferencia dos redactores escolhidos, sobre os outros, leva-nos a reflectir sobre as exigencias d'um concurso proposto, n'um dos ultimos numeros do *Diario do Governo*, para o provimento de d'um logar de chefe de porteiros, não me lembro em que secretaria d'estado. No artiguinho d'annúncio exigia-se que os candidatos a porteiro tivessem cursado alguma das escolas superiores — ou pelo menos podessem garantir um bacharelado em direito.

O pelo menos é divino, hein? Em termos que um guarda-portão da Arcada necessita, para bem desempenhar-se das funções do seu cargo, ter carta de bacharel, pelo menos; ao passo que a um redactor do jornal official apenas se exige quando muito — que faça azeite. Talvez pelo ter feito, é que o sympathico industrial thegou té lá.

Que o mundo é assim!

Em casa de meus paes houve um sopeiro, que só tinha o talento de fazer bem refogado á valenciana. O Rei foi uma vez a Trax-os-Montes, e havendo comido o refogado do homem, tão picante o achou, que fez ministro o refogador.

Ha-de haver doze dias, pára um correio de cavallo á minha porta, e concita-me a ir vêr o meu antigo cossinheiro á sua nova installação. Eu corri logo, e apenas entro:

— Como você tem o curso de medicina, e está vago um logar d'escrivão na sua aldeia, offereço-lh'o. Quatro libras por mez.

Eu, furioso!

— Meu caro, replica S. Ex.<sup>a</sup>. E' quanto hoje em dia se pôde ganhar com as... habilitações que você tem.

IRKAN.



# HISTORIA DO CERCO DO PORTO

As esquinas andam cheias d'uns formosísimos cartazes e as mesas dos cafés replectas d'uns elegantes prospectos annunciadores d'uma nova publicação de luxo e illustrada a primor que brevemente verá a luz da publicidade.

A *Historia do cerco do Porto*, que assim se chama a nova publicação, tem todos os requisitos para agradar a muitos milhares de leitores, desde o seu valor historico e litterario até aos lances melodramaticos de que veniu recheiada essa importante publicação.

A todos será grata, estamos certos, a leitura d'esse trecho brilhante dos nossos heroicos antepassados.

Já que não estamos hoje em cheiro de heroismo contentemo-nos com as heroicidades dos avoengos. E já não é mau...

## Santa-Ritcida

I

Fialho!

Acautella-te. A' noite um dramaturgo é serio.  
Luzem punhaes. Ao fundo alveja o cemiterio.  
Eis que entra aquella porta o allucinado auctor.  
Catadura feroz. Cuidado! faz terror...  
Vê nas sombras da rua ossos phosphorescentes  
E caveiras a rir com maxillas sem dentes...  
Cada freguez em pé recorda-lhe um cypreste:  
O aroma do café tem um cheiro de peste.  
Um cheiro singular a cadaver torrado...  
— Oh não troceis jámais um genio allucinado!  
Nas luzes do Martinho ardem tochas de enterro.  
O homem do balcão falla como um Bezzerro  
E o Valentim parece um mocho d'avental...

E' medonha, ó Fialho, uma tragedia tal!  
Affasta-te por Deus, do Martinho — te peço...  
Tu bem sabes que a patria exige-nos o preço  
Do renome immortal a que terás direito,  
Se o coração deixar de te bater no peito.  
A tua causa é justa: é uma causa sympathica...  
Não te acerques porém da bengala dramatica!

Mas se o destino enfim te for adverso, amigo,  
Tu que sabes fugir, podes contar comigo!...

Saiba soffrer quem lucha em nome da Verdade,  
E no exilio chorar, quem se riu na Trindade.

Café Martinho 3 de maio — 89.



ROY PARDO

## PORTUGUEZES NO SALON



A Lição do Avô.



No Bosque.

Damos os croquis dos dois quadros que Sousa Pinto acaba d'expôr no Salon de Pariz. Um que se intitula *No bosque*; outro que tem o nome de *A lição do Avô*. O nosso compatriota não faz n'estes trabalhos, senão reforçar as qualidades de colorista e de poeta que constituem o encanto da sua arte, tão finamente melancolica e pessoal.

No proximo numero esperamos poder publicar os croquis dos quadros e esculpturas que outros artistas portuguezes expõem este anno, no Salon.